

**DOSSIER DE IMPRENSA**

# **ARTE MODERNA EM PORTUGAL DE AMADEO A PAULA REGO**

**JOÃO PEDRO VALE**  
**Feijoeiro**

**DOSSIER DE IMPRENSA**

## **ARTE MODERNA EM PORTUGAL DE AMADEO A PAULA REGO**

**2 Julho – 31 Outubro**

Apresentação à imprensa: 2 Julho. Quinta-feira. 12.00 h

Pisos 2 e 2A

Trata-se de uma exposição que apresenta as diferentes fases da construção da modernidade, em Portugal, durante a primeira metade do século XX. Desde a ruptura modernista de Amadeo de Souza-Cardoso, no início do século, até aos estudos magistrais de Almada Negreiros para as gares marítimas; das primeiras obras de Maria Helena Vieira da Silva, até à sua consagração mundial na década de 50; da emergência dos Surrealistas, Abstractos e Neo-realistas, passando pelos confrontos entre figuração e abstracção, até às primeiras obras de Joaquim Rodrigo e Paula Rego, que anunciam um novo tempo, é assim possível observar a dinâmica dos pioneiros da modernidade. Pela primeira vez é adicionada a fotografia, que foi realizada paralela e simultaneamente a estes movimentos. Por vezes esquecida, outras relegada para um domínio lateral, a prática fotográfica dos seus pioneiros modernos interpela e complementa aqueles movimentos artísticos.

Para além da colecção do MNAC-MChiado, a mostra conta com obras provenientes de outros museus, como a Fundação Calouste Gulbenkian, Fundação Arpad Szénes/Vieira da Silva, Fundação Berardo, Museu Municipal Amadeo de Souza-Cardoso e de várias colecções privadas, bem como de depósitos recentemente realizados nesta instituição. Constitui, por isso, um momento privilegiado para uma observação e leitura deste período, que transformou o curso da arte portuguesa.

A exposição, que ocupa a totalidade das salas do museu, divide-se em 6 núcleos: Primeiros Modernismos, Almada e as Gares Marítimas, Abstraccionismo Geométrico, Neo-realismo, Surrealismo, Figuração e abstracção. Cada um destes núcleos é acompanhado por um texto de sala que faz uma contextualização histórica das obras e dos movimentos apresentados.

Outro aspecto de especial relevância desta exposição reside na ênfase que é dada à chamada terceira geração modernista, que se revela em meados da década de 40. A extensão e diversidade das obras dos seus protagonistas permite compreender como estes artistas trouxeram para o contexto nacional uma profunda vontade de realizar uma modernidade até aí incipiente e episódica. Também a sua divisão em movimentos como o Abstraccionismo Geométrico, o Neo-realismo ou o Surrealismo foi demonstrativa da maior complexidade e do aprofundamento do fenómeno moderno possibilitado por esta geração.

**DOSSIER DE IMPRENSA**

**artistas**

Abel Manta, Adelino Lyon de Castro, Alexandre O'Neil, Almada Negreiros, Amadeo de Souza-Cardoso, António Dacosta, António Pedro, António Soares, Canto da Maia, Carlos Botelho, Cruzeiro Seixas, Dominguez Alvarez, Dórdio Gomes, Eduardo Viana, Eduardo Harrington Sena, Fernando de Azevedo, Fernando Lanhas, Fernando Lemos, Francisco Franco, Gérard Castello-Lopes, Hein Semke, Henrique Risques Pereira, João Hogan, Joaquim Rodrigo, Jorge de Oliveira, Jorge Vieira, Júlio Pomar, Júlio Reis Pereira, Júlio Resende, Manuel Filipe, Marcelino Vespeira, Mário Cesariny, Mário Eloy, Mário Henrique Leiria, Nadir Afonso, Nikias Skapinakis, Paula Rego, Querubim Lapa, Rogério Ribeiro, Sá Nogueira, Santa-Rita Pintor, Varela Pécurto, Victor Palla, Vieira da Silva

núcleos

Amadeo de Souza-Cardoso e os primeiros modernismos; Almada Negreiros e os projectos das gares marítimas; abstracção geométrica; o neo-realismo; surrealismos; figuração e abstracção

curador

Pedro Lapa

## **DOSSIER DE IMPRENSA**

### Introdução

Esta exposição traça um percurso pelas práticas artísticas da primeira metade do século XX, em Portugal, e apresenta a sua lenta e complexa modernização num contexto cultural e politicamente adverso. Quando as distâncias entre os países europeus iniciaram o seu processo de colapso e a circulação da informação se constituiu como parte triunfante do novo mundo, a arte moderna portuguesa desenvolveu-se por episódios singulares e amplas descontinuidades. A reacção a este contexto foi a emigração de alguns dos mais relevantes artistas para Paris: primeiro Amadeo de Souza-Cardoso, situação interrompida pela Grande Guerra e sua morte prematura; posteriormente o caso maior e definitivo de Maria Helena Vieira da Silva, a quem Salazar viria a retirar a própria nacionalidade. As dinâmicas das vanguardas sobre o incipiente contexto moderno permitiram construir um conjunto significativo de experiências, quer no início do século, quer na transição da década de 40 para 50s, com a terceira geração modernista. Também pela primeira vez se apresentam os desenvolvimentos da prática fotográfica desenvolvidos neste período. Quase sempre marginalizados pela História da Arte surgem agora como uma participação plena e em diálogo com as outras práticas artísticas. É para esta época e reconfiguração da modernidade então operada, que esta exposição presta especial atenção. Foram de facto os Abstraccionistas, os Neo-realistas e os Surrealistas que produziram essa modernidade prometida por Amadeo de Souza-Cardoso, passada como testemunho por Almada Negreiros e que estes artistas deram corpo e conflitualidade. No seu limite Joaquim Rodrigo e Paula Rego abriram outros caminhos para novas ficções.

Pedro Lapa

Director do Museu Nacional de Arte Contemporânea – Museu do Chiado

**DOSSIER DE IMPRENSA**

apresentação dos núcleos

**Amadeo de Souza-Cardoso e os primeiros modernismos**

O Modernismo surgiu em Portugal na sequência da Revolução da República, em 1910, das estadas dos artistas em Paris e das crescentes trocas de informação e contactos com as vanguardas emergentes, que esta situação proporcionou. Também a geração literária, reunida em torno de Fernando Pessoa e das revistas *Orfeu* ou *Portugal Futurista*, deu ao movimento modernista uma importantíssima amplitude e profundidade. Amadeo de Souza-Cardoso, fixado em Paris, foi o único artista que participou em algumas das mais relevantes exposições da vanguarda internacional. Com a eclosão da Primeira Guerra Mundial ficaria exilado no seu próprio país, ainda que acompanhado durante o ano de 1915 pelos Delaunay. Aqui desenvolveu solitariamente as experiências mais radicais sobre as novas concepções de espaço pictórico, até morrer prematuramente, em 1918.

Depois do conflito mundial, uma segunda geração estagiou em Paris, sem participações significativas em exposições ou novas experiências e trazendo para Portugal uma modernidade conservadora, distanciada das vanguardas. Apenas Mário Eloy conheceu outras referências, em Berlim. O contexto artístico local mantinha-se “um mal-entendido sem remédio”, nas palavras de Almada Negreiros. É apenas nos meados da década de 1930 que ocorre uma assimilação superficial da modernidade, então definida por António Ferro, o seu promotor oficial tolerado pelo fascismo, nos limites de um “indispensável equilíbrio”, sem “incompatibilidade entre um regime de Autoridade consciente e a arte moderna”.

Nesses anos 30, Almada Negreiros, regressado de Madrid onde fora compreendido e estimado, desenvolve um retorno ao classicismo de matriz picassiana, dando início a uma pesquisa sobre o cânone ocidental, que ocupará o seu trabalho futuro. Simultaneamente ocorrem outras tentativas dispersas de reformulação do modernismo com novas propostas integradas no quadro das vanguardas internacionais. António Pedro, em Paris, retoma a exploração da relação entre palavra e espaço, iniciada com a geração do *Orfeu*, para seguidamente realizar as primeiras pinturas surrealistas, juntamente com António Dacosta. M. H. Vieira da Silva dá início às suas explorações espaciais a partir de arquitecturas imaginadas ou transfiguradas.

**DOSSIER DE IMPRENSA**

**LISTA DE OBRAS**

Santa-Rita Pintor

**Cabeça**

1910

Óleo sobre tela

65,3 x 46,5 cm

Col.MC

Amadeo de Souza-Cardoso

**Tristezas, Cabeça**

c. 1915

Óleo sobre cartão

37 x 38,5 cm

MNAC-MC

Amadeo de Souza-Cardoso

**Cabeça**

1914-15

Óleo sobre cartão

19 x 17 cm

MNAC-MC

Amadeo de Souza-Cardoso

**Cabeça**

c. 1914-15

Óleo sobre cartão

16,5 x 12 cm

MNAC-MC

Amadeo de Souza-Cardoso

**Cabeça**

c. 1914-15

Óleo sobre cartão

23,5 x 17,5 cm

MNAC-MC

Amadeo de Souza-Cardoso

**Sem Título**

1913

Óleo sobre tela

27 x 46 cm

CAM-FCG

Amadeo de Souza-Cardoso

**Sem Título**

1913

Óleo sobre tela

64 x 30 cm

CAM-FCG

Amadeo de Souza-Cardoso

**Pelas Janelas(Desdobramento-Intersecção) 1913**

Óleo sobre cartão

33 x 23 cm

Museu Coleção Berardo

Amadeo de Souza-Cardoso

**“Ascensão do Quadrado Verde e a mulher do violino”**

c.1916

Óleo sobre tela

180 x 100 cm Col.de José Ernesto de Souza-Cardoso.

Depósito Museu de Amarante

Eduardo Viana

**A Revolta das bonecas**

1916

Óleo sobre tela

114 x 132 cm

MNAC-MC

Eduardo Viana

**Nu**

1925

Óleo sobre tela

96 x 146 cm

MNAC-MC

Francisco Franco

**Torso**

1922

Bronze

115 x 56 x 43 cm

MNAC-MC Dórdio Gomes

Dórdio Gomes

**Éguas de manada**

1929

Óleo sobre tela

106 x 126 cm

MNAC-MC

António Soares

**Retrato da irmã do artista**

1936

óleo sobre tela

n.º inv. 847

MNAC-MC

Ernesto Canto da Maia

**Adão e Eva**

1929-39

Terracota

167 x 57 x 46 cm

MNAC-MC

Abel Manta

**Jogo de Damas**

1927

Óleo sobre tela

106 x 116 cm

MNAC-MC

Dominguez Alvarez

**Fábrica**

1929

Óleo sobre tela

86 x 57,5 cm

Col. Prof. Rui Vitorino

Mário Eloy

**Menino e varina**

1928

Óleo sobre tela

49 x 43 cm

MNAC-MC

**MUSEU NACIONAL DE ARTE CONTEMPORÂNEA  
MUSEU DO CHIADO**

**DOSSIER DE IMPRENSA**

Mário Eloy  
**O Poeta e o Anjo**  
c. 1938  
Óleo sobre tela  
80 x 100 cm  
MNAC-MC

Carlos Botelho  
**Recanto de Lisboa**  
c. 1936  
óleo sobre madeira  
104,5 x 100 cm  
MNAC-MC

Heim Semke  
**Retrato de R.O. (Ruth Osenberg),**  
1933  
Cerâmica vidrada  
48,7 x 22 x 27 cm  
MNAC-MC Doação de Teresa Balté

Vieira da Silva  
**Les balançoires**  
1931  
Óleo sobre tela  
130,5x54  
Col. FASVS

António Pedro  
**Aparelho Metafísico de Meditação,**  
1935  
Madeira, plástico e latão cromado  
MNAC-MC

António Pedro  
**Dança de Roda (Sabat),**  
1936  
Óleo sobre tela  
93 x 93 cm  
MNAC-MC

António Dacosta  
**Episódio com um cão**  
1941  
Óleo sobre tela  
90 x 51 cm  
Col. MC

Almada Negreiros  
**A Sesta**  
1939  
Carvão sobre papel  
68 x 100 cm  
MNAC-MC

**DOSSIER DE IMPRENSA**

**Almada Negreiros e os projectos das gares marítimas**

O início da década de 1940 ficará marcado pela profunda reformulação do trabalho de Almada Negreiros a partir dos frescos que realiza para as gares marítimas de Alcântara e da Rocha do Conde de Óbidos, em Lisboa.

A sua obra, oriunda de uma primeira vanguarda, constituiu um trabalho de reflexão e aprofundamento de uma síntese do desenho e da procura de um sistema de proporções comum à arte ocidental, que neste período conhece novas reformulações radicalizando algumas questões abordadas pelos primeiros modernismos. Almada é assim uma figura tutelar e referencial da vanguarda histórica que se reelabora em sincronia com as jovens gerações interessadas em complexificar a modernidade.

Os estudos para os frescos da Gare Marítima de Alcântara foram realizados entre 1943 e 45 e representam alegorias sobre o país a partir de narrativas míticas da tradição oral da cultura popular, como sejam *A nau catrineta* ou *D. Fuas Roupinho*. Se, por um lado, é a imagem de um Portugal pitoresco de convenções e sonho que estes trabalhos representam; por outro, não menos se opõem à glorificação épica do destino nacional, que o fascismo português cultivou pela mesma época em majestosas exposições.

Os estudos para os frescos da Gare Marítima da Rocha do Conde de Óbidos, realizados entre 1946 e 49, apresentam um tratamento modernista mais assumido, dentro de uma linguagem cubista e com recurso a alguns esquemas gráficos e cromáticos de uma segunda geração futurista. Em dois trípticos, a emigração confronta-se com a cidade lisboeta à beira-rio, num domingo. A atenção às condições da vida social torna-se o motivo e a linguagem pictórica tende a geometrizar-se e a aceitar a bidimensionalidade das superfícies a par de uma distribuição cromática homogénea por planos delimitados ou através de padronizações gráficas.

Com estes trabalhos Almada aproximava-se de questões que motivaram e dividiram novas gerações que nesses anos assumiram importante presença na cena artística nacional.



**DOSSIER DE IMPRENSA**

**LISTA DE OBRAS**

**Estudos para os frescos  
da Gare Marítima de Alcântara**

1943

lápiz de cor sobre cartão

Depósito Herdeiros de Almada Negreiros

**Estudo para os frescos  
da Gare Marítima da Rocha do Conde de Óbidos**

1945-48

lápiz de cor sobre cartão

99,5 x 55 cm

Depósito Herdeiros de Almada Negreiros

Almada Negreiros

**Pintura (Interior)**

1948

Guache e óleo sobre papel

43 x 57 cm

MNAC-MC

Almada Negreiros

**Par de bailarinas**

s/data

lápiz sobre papel colado em cartão

45,8x 47,3 cm

Depósito Herdeiros de Almada Negreiros

Almada Negreiros

**Bailarina**

Tinta da china e lápis sobre papel

53 x 36,5 cm

Depósito Herdeiros de Almada Negreiros

Almada Negreiros

**Acrobatas**

1947

guache sobre papel

MNAC-MC

## **DOSSIER DE IMPRENSA**

### **abstracção geométrica**

Estes anos, de 1945 até ao final da década seguinte, assistem à entrada em cena de uma geração jovem preocupada com um envolvimento profundo nas diferentes vias da modernidade e das suas manifestações de vanguarda. Tratou-se assim de constituir uma mais complexa elaboração dos aspectos com que as práticas artísticas se articulavam. No pós-guerra europeu, a prática da abstracção construtivista reconstituiu-se como uma vanguarda no *Salon des Réalités Nouvelles* de Paris e que encontrou desenvolvimentos significativos no contexto português. Foram assim os pintores abstractos geométricos que resgataram uma prática vanguardista interrompida durante três décadas com a morte prematura de Amadeo de Souza-Cardoso.

Para artistas como Fernando Lanhas, Nadir Afonso ou Joaquim Rodrigo o dado primeiro da pintura é a especificidade formal dos seus elementos estruturais. As suas pesquisas centraram-se num conhecimento essencialista da pintura e da busca de uma harmonização dos seus elementos constitutivos. Fernando Lanhas construiu diferentes cruzamentos não-ortogonais de linhas, que delimitam áreas poligonais irregulares, conferindo uma tensão e equilíbrio de formas que não excluem uma incerteza inerente à busca do conhecimento da pintura. A partir de 1949 implicou a pintura em elementos naturais como seixos cuja forma motiva a inscrição dos seus elementos geométricos. Nadir Afonso, trabalhando como arquitecto, em Paris, com Le Corbusier, partiu de formas geométricas da natureza e das suas intensidades cromáticas para operar sobre as suas relações de proporção e produzir formas complementares a partir das primeiras. Designou essa unidade formal geométrica de harmonia. As suas pinturas deste período apresentam-se como bandas onde se inscrevem ritmicamente os elementos geométricos, que se prolongam para lá dos limites da tela. Joaquim Rodrigo desenvolveu progressivamente uma procura da unidade entre a forma e o espaço matricial da pintura onde aquela se inscreve, para chegar a uma teoria da cor que lhe permitiu a unidade plena de todos os elementos pictóricos. O seu sistema de composição puramente matemática ultrapassou o tradicional modelo sensitivo e aproximou-o de problemáticas minimalistas. No domínio fotográfico, Eduardo Harrington Sena explorou de forma continuada uma visão abstracta dos complexos industriais, dialéctica entre o humano e o imaterial, numa perspectiva historicista que o aproxima, embora tardiamente, das vanguardas da “*estética do metal*”.

**DOSSIER DE IMPRENSA**

**LISTA DE OBRAS**

Fernando Lanhas  
**O2-43-44**  
1943-1944  
Óleo sobre cartão  
71 x 44 cm  
MNAC-MC

Fernando Lanhas  
**O10-50**  
1950  
Óleo sobre cartão  
75 x 75 cm  
Depósito de Coleção Particular

Fernando Lanhas  
**O15-53.68**  
1953-68  
Óleo sobre platex  
60 x 60 cm  
Depósito de Coleção Particular

Fernando Lanhas  
**C8-56**  
1956  
Colagem de papel de veludo sobre cartão  
73 x 68,5 cm  
MNAC-MC  
Doação de João e Maria Jesus Rendeiro em 2000

Fernando Lanhas  
**O36-B-61**  
1961  
Óleo sobre platex  
64 x 104 cm  
Depósito de Coleção Particular

Fernando Lanhas  
**P1-49**  
1949  
Seixo pintado a óleo  
2,3 x 9,7 x 5 cm  
Depósito Fernando Lanhas

Fernando Lanhas  
**P3-49**  
1949  
Seixo pintado a óleo  
7,5 x 13,5 x 12 cm  
Depósito de Coleção Particular

Fernando Lanhas  
**P13-66**  
1966  
Seixo pintado a óleo  
7,5 x 10 x 11,5 cm  
MNAC-MC  
Doação do autor

Joaquim Rodrigo  
**C 7**  
1953  
óleo sobre tela  
MNAC-MC

Joaquim Rodrigo  
**C 20**  
1955  
Óleo sobre tela  
89 x 189 cm  
MNAC-MC  
Doado por Maria Henriqueta Rodrigo em 1998

Joaquim Rodrigo  
**C 19**  
1955  
Óleo sobre tela  
255 x 140 cm  
MNAC-MC  
Doado por Maria Henriqueta Rodrigo em 1998

Nadir Afonso  
**Espacilimité**  
1957  
Óleo sobre tela  
68,5 x 121 cm  
MNAC-MC

Eduardo Harrington Sena  
**Altura**  
1956  
Prova original gelatina sal de prata  
A. 40 x L. 30cm  
MNAC-MC

Eduardo Harrington Sena  
**Alvo atingido**  
1954  
Prova original gelatina sal de prata  
A. 40 x L. 30cm  
MNAC-MC

Eduardo Harrington Sena  
**Sinfonia do metal**  
1954  
Prova original gelatina sal de prata  
A. 40 x L. 30cm  
MNAC-MC

Eduardo Harrington Sena  
**Poligonal**  
1954  
Prova original gelatina sal de prata  
A. 40 x L. 30cm  
MNAC-MC

## **DOSSIER DE IMPRENSA**

### **o neo-realismo**

Outra vertente dos artistas da geração revelada em meados da década de 40 dedicou-se a uma arte socialmente comprometida, tendo como fundamentos os princípios do materialismo histórico e a sua relação com o desenvolvimento das formas artísticas na sociedade. Para Manuel Felipe, Júlio Pomar, Lima de Freitas, Arco (Rui Pimentel), Querubim Lapa, Rogério Ribeiro as realidades sociais compungentes que o país e o mundo do pós-guerra viviam, a par de um entendimento da imagem produzido pelo cinema neo-realista ou pelas pinturas dos muralistas mexicanos, bem como o romance realista do século XIX constituíram referências significativas. Por vezes, o movimento neo-realista foi vinculado às teses do realismo socialista, mas tal só ocorreu episodicamente dada a amplitude do espectro de referências dos seus praticantes e das interpretações que delas fizeram. As *Exposições Gerais de Artes Plásticas*, realizadas entre 1945 e 1956 na SNBA, constituíram o principal espaço de apresentação desta corrente. Pelas críticas de Mário Dionísio, Vespeira, Lima de Freitas e Júlio Pomar o movimento neo-realista entrou em conflito aberto com outros movimentos, como a Abstracção Geométrica ou o Surrealismo, que acusaram de formalismo, individualismo e defesa “da arte pela arte”. Manuel Felipe, logo em 1944, realizou alguns trípticos a carvão que denunciavam a exploração do mercado de trabalho através de uma linguagem reportável aos muralistas mexicanos e ao cinema expressionista alemão. Júlio Pomar, o artista com obra mais complexa do movimento, procurou através de referências americanas, seja a Thomas Benton, a Tamayo ou Portinari, construir dentro da espacialidade cubista uma linguagem crítica das condições sociais.

É também no contexto das *Exposições Gerais*, que Adelino Lyon de Castro exibiu exemplos duma fotografia mais comprometida com o realismo social, numa fronteira sempre mal esclarecida entre naturalismo e realismo.

O Neo-realismo foi na década de 40 um lugar de encontro de uma prática essencialmente figurativa, que iria encontrar na década de 50 outros desenvolvimentos menos comprometidos socialmente, mas opostos às propostas de outras vanguardas para a modernidade.

**DOSSIER DE IMPRENSA**

**LISTA DE OBRAS**

Manuel Filipe  
**Os segregados. Homenagem a Dostoievski**  
1944  
Carvão negro  
88 x 182 cm  
MNAC-MC  
Doação do artista

Júlio Pomar  
**Gadanhheiro**  
1945  
Óleo sobre aglomerado  
122 x 83 cm  
MNAC-MC

Júlio Pomar  
**“Mulher comendo melancia”**  
1949  
Óleo sobre tela  
100 x 100 cm  
Col. Alexandre Pomar

Júlio Resende  
**Mulheres de pescadores** 1951  
Óleo sobre tela  
80 x 100 cm  
MNAC-MC

Querubim Lapa  
**Vendadeiras**  
1948  
Óleo sobre tela  
89,5 x 70 cm  
MNAC-MC  
Doação Querubim Lapa

Rogério Ribeiro  
**“As mulheres do Sargaço”**  
100 x 70 cm  
Col. Celeste Ribeiro

Adelino Lyon de Castro  
**Sem destino**  
Década de 50  
Provas originais gelatina sal de prata, 4,5 x 4,5 cm  
MNAC-MC

Adelino Lyon de Castro  
**Ex-homens**  
1950  
Prova original gelatina sal de prata  
A.30 x L. 40cm  
MNAC-MC

## **DOSSIER DE IMPRENSA**

### **surrealismos**

O Surrealismo não foi um movimento homogêneo. Teve uma primeira manifestação, em meados da década de 1930, com António Pedro e depois António Dacosta, que introduziram nos seus trabalhos a noção de inconsciente como produtor de formas ou de experimentação intersticial entre palavra e imagem. Com a sua partida para fora do país a prática surrealista praticamente se suspendeu, restando o trabalho irregular de Cândido da Costa Pinto. Em 1947 é fundado *Grupo Surrealista de Lisboa*, de vida curta mas o mais amplo movimento surrealista português, na sequência da ideia de André Breton de fundar grupos representativos nas principais cidades europeias. Artistas como António Pedro, António Dacosta, Mário Cesariny, Vespeira, Alexandre O'Neill, João Moniz Pereira, Fernando de Azevedo, António Domingues e o crítico José-Augusto França formam o grupo.

Em conjunto entram em ruptura com os Neo-realistas, na 3ª *Exposição Geral de Artes Plásticas*, de 1948, por não aceitarem a censura prévia imposta pela ditadura a estas exposições. Se no conflito com os Neo-realistas realçavam o poder subversivo do onírico e do acaso objectivo contra uma arte socialmente comprometida, também nesse ano o grupo se divide, a partir da cisão de Mário Cesariny, dando origem a outro grupo intitulado *Os Surrealistas* e que contou com diversos poetas como António Maria Lisboa, Pedro Oom, Mário Henrique Leiria, Carlos Eurico da Costa e Cruzeiro Seixas.

Em 1949 é realizada a primeira e única exposição do *Grupo Surrealista de Lisboa* onde são exibidos *cadavres-exquis* numa demonstração de que a *arte é feita por todos*. As pinturas apresentadas revelavam uma grande influência da primeira geração surrealista internacional (Dali, Max Ernst, Tanguy) num momento internacional de reformulação dos dados surrealistas.

Em 1952, Vespeira, Lemos e Azevedo realizam uma importante exposição na Casa Jalco, onde são apresentadas as *ocultações* de Fernando Azevedo, que cobrem imagens previamente existentes revelando apenas detalhes que redefinem toda a significação. Fernando Lemos apresentou as primeiras experiências fotográficas surrealistas que operavam sobreposições, negativos e solarizações. Vespeira, a par das suas pinturas, apresentou objectos transformados.

*Os Surrealistas*, para além da notável poesia, deixaram trabalhos experimentais de colagem, *assemblages*, técnicas próprias de pintura como as figuras de sopro ou as sismografias num todo algo indiferenciado conforme à ética de vida surrealista.

Importa ainda destacar o fantástico trabalho de dois artistas independentes com práticas surrealistas. Jorge Vieira reinventou a escultura moderna através de uma reinterpretação da escultura arcaica e também das suas figuras filiformes e abstractas em bronze; Jorge Oliveira desenvolveu uma prática surrealista síncrona das questões do pós-guerra radicalizando assim a noção de automatismo psíquico em pintura e também de paisagem onírica.

**DOSSIER DE IMPRENSA**

**LISTA DE OBRAS**

Marcelino Vespeira

**Carne vegetal**, 1948

Óleo sobre cartão prensado

67 x 53,5 cm

MNAC-MC

Marcelino Vespeira

**Aroma-Amora – Óleo 52**, 1950

Óleo sobre platex

100 x 65 cm

MNAC-MC

Marcelino Vespeira

**Noctívolo**, 1951

Óleo sobre cartão

75 x 60 cm

MNAC-MC

Fernando de Azevedo

**Personagens Preciosas**, 1950-51

óleo sobre cartão prensado

35 x 27 cm

MNAC-MC

doado por Maria de Jesus e João Rendeiro em 2000

Fernando Lemos

**Pintura**, 1951

óleo sobre cartão

70 x 47,8 cm

MNAC-MC

doado por José- Augusto França

Jorge de Oliveira

**Suspense**, 1951

óleo sobre platex

100 x 122 cm

Depositado pelo artista em 2006

Jorge de Oliveira

**Manhã desconhecida**, 1951

óleo sobre platex

127,9 x 155, 2 x 4 cm

Depositado pelo artista em 2006

Jorge de Oliveira

**Expectante**

1949

óleo sobre platex

94,7 x 112,2 cm

Depositado pelo artista

Em 2006

Fernando Lemos

**Teatro de atelier**

1950

quatro provas positivas

a preto e branco gelatina sal de prata

MNAC-MC

Fernando de Azevedo

**Ocultação**, 1950

tinta da china e guache sobre fotografia impressa

27,5 x 12,2 cm

MNAC-MC

doado por José- Augusto França

Alexandre O'Neill

**A Linguagem**, 1948

tinta da china e colagem sobre papel

64,5 x 49, 5 cm

MNAC-MC

Doado por Maria de Jesus e João Rendeiro em 1999

Jorge Vieira

**Sem Título**, 1947

Colagem sobre ilustração

31,8 x 17,6 cm

MNAC – MC

Doação de Noémia Cruz

Jorge Vieira

**Sem Título**, 1947

Colagem sobre ilustração

32,5 x 25,4 cm

MNAC – MC

Doação de Noémia Cruz

Jorge Vieira

**Sem Título**, c.1947

Colagem sobre ilustração

19 x 12,6 cm

MNAC – MC

Doação de Noémia Cruz

Jorge Vieira

**Sem Título**, c.1947

Colagem sobre ilustração

13 x 10,2 cm

MNAC – MC

Doação de Noémia Cruz

Mário Cesariny

**Pintura**, 1948

guache e verniz sobre papel

31 x 15,5 cm

MNAC-MC

Doado por José- Augusto França

Mário Cesariny

**Soprofigura**, 1947

Tinta da china, guache e verniz sobre papel

34,5 x 26,5 cm

MNAC-MC

Doado por Ministério da Cultura

Jorge Vieira

**Sem Título**, 1948

Terracota

17 x 18 x 10 cm

MNAC – MC

Doação de Noémia Cruz

Cruzeiro Seixas

“Algumas notas autobiográficas”, 1953

Óleo sobre madeira.

38 x 38 cm

Col. Prof. Rui Vitorino

**DOSSIER DE IMPRENSA**

Mário Henrique Leiria

**Nos dias de chuva**, 1949

Tinta da china sobre papel

21,5 x 14,5 cm

MNAC, Doado por José- Augusto França

Henrique Risques Pereira

**Sem Título**, 1949

Tinta da china sobre papel

21,5 x 14,5 cm

Depósito Família Risques Pereira

Jorge Vieira

**Sem Título**, 1948

Terracota

12 x 10 x 6 cm

MNAC – MC

Doação de Noémia Cruz

Jorge Vieira

**Sem Título**, 1948

Terracota

7 x 19,5 x 7,5 cm

MNAC – MC

Doação de Noémia Cruz

Jorge Vieira

**Monumento ao prisioneiro político desconhecido  
(maquete)**, 1953

Bronze

44,5 x 30 x 29 cm

MNAC-MC

Jorge Vieira

**Sem título**

1954

Bronze

42 x 34 x 11,5 cm

Depositada pelo artista



## **DOSSIER DE IMPRENSA**

### **figuração e abstracção**

Com o fim dos movimentos surrealistas (1952) e neo-realista (1956) a década de 1950 é atravessada por uma clivagem entre figuração e abstracção, que de certa forma ocupara as discussões na Europa na década de 1930. Pintores vindos do surrealismo experimentaram então a abstracção sob o signo maior de Maria Helena Vieira da Silva. O trabalho desta artista, protagonista da Segunda escola de Paris, atinge nestes anos um reconhecimento mundial. As suas pinturas mais declaradamente abstractas desenvolvem reverberações cromáticas numa infinita construção de perspectivas labirínticas de *espaços ambíguos*, tal como José-Augusto França definiu esta ocupação do espaço. Noutros casos, próximos das novas problemáticas da pintura norte-americana, – como Jorge Oliveira – a gestualidade veio radicalizar o automatismo surrealista em busca do gesto como espontaneidade e traço psíquico originário. Outros pintores construtivistas continuaram o desenvolvimento das suas pesquisas e Nadir Afonso realizou em 1956 um *Espacillimité* cinético que expôs na galeria Denise René em Paris, no momento de eclosão da arte cinética. De forma inesperada mas não continuada, também Varela Pécurto representa a breve incursão da fotografia portuguesa pelas explorações abstractas formais da luz, mais liberta dos constrangimentos naturalistas e pictóricos, decorrentes das influências do movimento *Fotoform* alemão, que chegariam a Portugal pela via da fotografia de salão e dos seus circuitos internacionais.

Por outro lado, os pintores figurativos vindos das *Exposições Gerais de Artes Plásticas* da SNBA, onde o neo-realismo era uma linguagem dominante, ora aprofundaram as suas implicações, como foi o caso de Júlio Pomar, ora se afastaram de uma temática marxista para procurarem um realismo exterior aos cânones naturalistas e simultaneamente capaz de devolver um *pathos* melancólico sobre o quotidiano, como aconteceu com Sá Nogueira e Nikias Skapinakis. No início da década seguinte estes artistas iriam desenvolver, com importantes consequências, algumas das questões então enunciadas nestes anos. A prática figurativa deu continuidade a uma resistência à vanguarda herdada do Neo-realismo. A fotografia, por seu turno, apresenta duas aproximações diferentes ao figurativo, por um lado sofreu a influência do abrangente “humanismo francês”, a que Gérard Castello-Lopes e Carlos Afonso Dias se dedicaram de forma tutelar, enquanto que Victor Palla, em conjunto com Costa Martins, com o seu projecto *Lisboa, cidade triste e alegre*, impunham uma nova linguagem visual para a fotografia portuguesa, súmula de influências múltiplas, desde o cinema à literatura. Ao purismo do fotograma integral, que Gérard e Carlos Afonso Dias haviam defendido, Victor Palla contrapunha os conceitos de montagem, corte, associação e edição.

A obra de Joaquim Rodrigo sofre em 1960 uma significativa alteração e introduz uma discursividade política através de um sistema próprio de inscrição de signos. Também nesses anos Paula Rego realiza as primeiras pinturas com colagens e recurso a uma forte dimensão narrativa, onde a subjectividade individual é continuamente intersectada com os signos do mundo político e cultural desses anos. As obras destes dois pintores iriam, a partir desta década, redefinir por completo o curso da arte portuguesa.

**DOSSIER DE IMPRENSA**

**LISTA DE OBRAS**

Jorge de Oliveira  
**Tentações**  
1950  
óleo sobre platex  
114,4 x 121,7 cm  
Depositado pelo artista  
Em 2006

Jorge de Oliveira  
**Convulsivo**  
1950  
óleo sobre platex  
100 x 122 cm  
Depositado pelo artista em 2006

Maria Helena Vieira da Silva  
**S/ Título**  
1955  
Óleo sobre Tela  
137 x 114 cm  
Col. Prof. Rui Vitorino

Maria Helena Vieira da Silva  
**L'Oranger**  
1952  
Óleo sobre tela  
73 x 92 cm  
CAM - Fundação Calouste Gulbenkian

Nadir Afonso  
**Espacillimité**  
1956  
Óleo sobre tela, madeira e motor eléctrico  
Depositado pelo artista

Fernando Lanhas  
**O40-69**  
1969  
Óleo sobre madeira  
146 x 98 cm  
Depósito de Colecção Particular

João Hogan  
**Casario de Lisboa**  
1952  
Óleo sobre tela  
100 x 73 cm  
MNAC-MC

Nikias Skapinakis  
**Mulher a fazer malha** 1956  
Óleo sobre tela  
100 x 73 cm  
Col. particular

Nikias Skapinakis  
**Quintais de Lisboa**  
1956  
Óleo sobre tela  
100x 73 cm  
Centro de Arte – Colecção Manuel de Brito

Sá Nogueira  
**Retrato de Maria do Céu Sousa Vieira**  
1953  
Óleo sobre tela  
90 x 70cm  
MNAC\_MC  
doação Noémia Cruz

Jorge Vieira  
**Sem Título**  
1956  
Bronze  
29 x 36 x 11,5 cm  
MNAC-MC

Jorge Vieira  
**Sem Título**  
1956  
Bronze  
29 x 41,5 x 16 cm  
MNAC-MC

Varela Pécurto  
**Belezas da noite**  
1951  
Original gelatina sal de prata  
A: 40 x L. 30cm  
MNAC-MC

Varela Pécurto  
**Épico**  
1952  
Original gelatina sal de prata  
A: 30 x L. 40cm  
MNAC-MC

Carlos Afonso Dias  
**New York**  
1959  
Original gelatina sal de prata  
A.30 x L. 20 cm  
MNAC-MC

Gérard Castello-Lopes  
**Lisboa**  
1957  
Original gelatina sal de prata  
A. 40 x L. 30 cm  
MNAC-MC

Victor Palla  
**Sem título**  
Década de 50  
Prova actual  
A.40 x L. 50cm  
MNAC-MC

Joaquim Rodrigo  
**S.A. – Estação**  
1961  
Têmpera sobre platex  
97 x 162,5 cm  
Depósito col. Pedro Raposo de Sousa

**DOSSIER DE IMPRENSA**

Paula Rego

***Self-portrait in red***

1962

Óleo, desenho a lápis de cera e colagem de papel sobre tela

152 x 152 cm

MNAC-MC

**DOSSIER DE IMPRENSA**

**ficha técnica**

Curador: Pedro Lapa  
Textos: Pedro Lapa, Emília Tavares  
Produção: Adelaide Ginga  
Coordenação da montagem: Maria de Aires Silveira, Emília Tavares  
Montagem: António Rasteiro, Diogo Maurício, Liliana Dias  
Comunicação: Anabela Carvalho. Com/With Patrícia Corrêa  
Serviço educativo: Catarina Loureiro de Moura, Rui Afonso Santos.  
Registo: Amélia Godinho  
Tradução: Ruth Rosengarten  
Design gráfico: Catarina Leonor e Clara de Sousa  
Sinalética: C.E.I.  
Transporte: FeirExpo - Apoio  
Seguros: Lusitânia - Seguradora Oficial do Instituto dos Museus e da Conservação

**DOSSIER DE IMPRENSA**

# **JOÃO PEDRO VALE**

## **Feijoeiro**

**7 Julho – 31 Outubro**

Apresentação à imprensa: 2 Julho. Quinta-feira. 12.00 h

Piso I

O *Feijoeiro* é a materialização do feijoeiro mágico do conto *João e o Pé de Feijão* (não é inocente o do facto do artista se chamar João e a peça ter sido feita para uma bienal), em que João troca o bem mais precioso da família, uma vaca, por um punhado de feijões mágicos, que lhe dão acesso a um outro mundo, a uma outra realidade. Quando ele acede a esse novo mundo, conquista determinada riqueza através da galinha dos ovos de ouro, que rouba ao seu dono, o gigante, que reina nesse outro mundo, onde o feijoeiro o conduziu. Riqueza e felicidade só são conseguidas depois de ter morto o gigante e destruído a ligação entre os dois mundos, o real e o mágico. O feijoeiro de João Pedro Vale é apresentado neste estado, depois de perder a sua verticalidade, não sabemos se cumpriu o propósito de conduzir alguém a algum lado, no entanto a forma obsessiva como é construído, como se espalha pelo espaço e tenta elevar-se, deixam no ar essa ideia de fim não alcançado ou de sonho por concretizar.

Pedro Lapa

Director do Museu Nacional de Arte Contemporânea – Museu do Chiado

João Pedro Vale

**Feijoeiro**

2004

Collants, esferovite, armações de ferro e arame.

Dimensões variáveis

Cortesia Galeria Filomena Soares, Lisboa

foto: Simon Chaput

**DOSSIER DE IMPRENSA**

**programa**

**5as à noite no MNAC – Museu do Chiado**

**Programa Filho Único**

2 de Julho – 5ª feira  
Museu aberto até às 21 horas  
21 horas – Concerto no Jardim das Esculturas  
*Rafael Toral*

23 de Julho – 5ª feira  
Museu aberto até às 21 horas  
21 horas - Concerto no Jardim das Esculturas  
*Tó Trips*

**DOSSIER DE IMPRENSA**

**actividades semanais**

**Visitas guiadas para o público em geral**

Pedro Lapa. 14 Julho. 3.ª feira. 18.30 h

Emília Tavares. 18 Agosto. 3.ª feira. 18.30

Maria de Aires Silveira. 15 Setembro. 3.ª feira. 18.30 h

Adelaide Ginga. 13 Outubro. 3.ª feira. 18.30 h

acesso gratuito / marcação prévia: 213432148 / [mnac-museudochiado@imc-ip.pt](mailto:mnac-museudochiado@imc-ip.pt)

**Visitas guiadas desenvolvidas num âmbito pedagógico (Julho a Setembro)**

Grupos: crianças, jovens, seniores, associações, necessidades específicas

3ª a 6ª. 10h00-17h00

acesso gratuito / marcação prévia: 213432148 [mnac-mc.catarinamoura@imc-ip.pt](mailto:mnac-mc.catarinamoura@imc-ip.pt);

**Visitas guiadas desenvolvidas num âmbito pedagógico (a partir de Outubro)**

Ensino básico e secundário: 3.ª, 4.ª, 5.ª e 6.ª feira. 10.00-13.00 h

Ensino secundário e universitário: 3.ª e 5.ª feira. 14.00-17.00 h

Grupos culturais, seniores e outros: 4.ª e 6.ª feira. 14.00-17.00 h

acesso gratuito / marcação prévia: 213432148 [mnac-mc.catarinamoura@imc-ip.pt](mailto:mnac-mc.catarinamoura@imc-ip.pt);